

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ
Campus Soane Nazaré de Andrade
21 a 23 de Maio de 2012

Advérbios modalizadores: descrição e análise do comportamento sintático e semântico

Marivone Borges de Araújo Batista¹
Gessilene Silveira Kanthack²

Resumo: *As gramáticas tradicionais descrevem o advérbio como uma palavra invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o advérbio, acrescentando-lhe uma circunstância. Tal conceito, entretanto, se confirma em apenas algumas ocorrências, pois, comumente, defrontamo-nos com advérbios que podem aplicar-se à sentença e ao discurso. Da mesma maneira, muitos advérbios classificados como de modo não qualificam uma ação ou um estado, mas funcionam como modalizadores do conteúdo da asserção. Segundo Neves (2000, p. 244), os advérbios modalizadores têm como característica “expressar alguma intervenção do falante na definição de validade de seu enunciado: modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e até, avaliar a própria formulação linguística”. Assim, o presente trabalho objetiva pesquisar o comportamento sintático-semântico dos advérbios modalizadores presentes em 16 entrevistas das páginas amarelas da revista Veja concedidas em 2009 e 2010, por homens e mulheres que ocupam, ou não, cargos políticos. Insere-se na linha de estudo funcionalista, cujos pressupostos básicos são encontrados em Castilho e Castilho (1993), Ilari et al (1990) entre outros. A leitura parcial dos resultados revela uma motivação funcional dos entrevistados voltada para a adesão do leitor no sentido de convencê-lo a compartilhar de seu ponto de vista; não há diferença relevante quanto ao emprego dos modalizadores por parte de políticos (49,5%) ou não-políticos (50,5%); porém, 56,6% das ocorrências dos modalizadores foram empregadas por homens e 43,4% por mulheres. O tipo de discurso revela-se como fator determinante para o emprego de 88,9% de modalizadores epistêmicos. Quanto ao comportamento sintático, as posições periféricas predominam no corpus.*

Palavras-chave: *Advérbios Modalizadores. Sintaxe. Semântica.*

1. INTRODUÇÃO

Os Modalizadores Adverbiais expressam uma avaliação prévia do falante acerca do conteúdo de sua proposição, ele afirma, nega, ordena, permite, expressa certeza, dúvida ou distanciamento

¹ Professora Auxiliar da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e mestranda em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

² Professora Titular da Universidade Estadual de Santa Cruz e orientadora da presente pesquisa.

sobre o seu próprio enunciado. Dada a diversidade de funções semânticas, esses advérbios são distribuídos em diferentes classes.

A propósito, para esta pesquisa, adotamos a classificação de Castilho (2010), a saber: *epistêmicos* (expressam um juízo de valor, uma avaliação, assinalando uma adesão do falante ao que ele diz), *deônticos* (manifestam um dever ou uma obrigação) e *discursivos* (expressam sentimentos ou emoções do falante ou se baseiam nas relações intersubjetivas entre falante e ouvinte).

Os advérbios modalizadores, na maioria dos casos, não apresentam incidência focal sobre um constituinte em particular, como se pressupõem, normalmente, nas descrições normativas; eles se aplicam à sentença como um todo, operando sobre o conteúdo proposicional ou sobre a asserção de que é objeto. Conforme Ilari *et al* (1990), a posição inicial é a privilegiada para que esse tipo de advérbio tome como escopo toda a oração.

Assim sendo, pergunta-se: no *corpus* a ser analisado, é a posição inicial a mais frequente para todos os tipos de modalizadores? Com que frequência e quais as outras posições em que esses advérbios podem ser licenciados?

Como hipóteses para essas questões investigativas, temos: os advérbios modalizadores se posicionam preferencialmente às margens das sentenças, podendo ser na posição inicial ou final.

O artigo está organizado assim: na primeira seção, apresentamos algumas considerações acerca dos advérbios na perspectiva da gramática tradicional; na segunda, abordamos sobre advérbios modalizadores à luz de pressupostos funcionais; na terceira, analisamos os dados extraídos do *corpus*. As considerações finais encerram o trabalho.

2. O ADVÉRBIO À LUZ DA DESCRIÇÃO TRADICIONAL

As gramáticas tradicionais, ao abordar o advérbio, imprimem uma certa homogeneidade a essa categoria. Basicamente, ele é descrito como um elemento invariável que modifica o verbo, o adjetivo e o próprio advérbio. Vejamos algumas definições:

São palavras que se juntam a verbos, para exprimir circunstâncias em que se desenvolve o processo verbal, e a adjetivos, para intensificar uma qualidade (CUNHA, 1986, p. 499).

Advérbio é a palavra invariável que modifica essencialmente o verbo, exprimindo uma circunstância (tempo, modo, lugar etc.) (SACCONI, 1990, p. 252).

Advérbios são palavras modificadoras do verbo. Servem para expressar as várias circunstâncias que cercam a significação verbal. Alguns advérbios, chamados de

intensidade, podem também prender-se a adjetivos, ou a outros advérbios (LIMA, 1996, p. 164).

Percebemos, claramente, nessas definições, uma mistura de critérios: morfológicos, sintáticos e semânticos. Ao caracterizar o advérbio como palavra invariável, considera-se um critério morfológico; ao relacioná-lo sintaticamente ao verbo, ao adjetivo ou a outro advérbio, aplica-se um critério sintático; e, adota-se um critério semântico, quando o considera como um modificador do sentido da palavra. O critério semântico também se aplica quando se caracteriza os advérbios pelas circunstâncias que expressam.

Além dessa mistura de critérios, as definições dadas ao advérbio apresentam características muito gerais e não dão conta do seu potencial funcional. Por exemplo, a ideia de “modificação”, além de não ser clara, não contempla boa parte dos advérbios (CASTILHO, 2010). Esse autor salienta a dificuldade de explicar por esse traço todos os tipos de palavras consideradas pela tradição como advérbio, uma vez que muitos deles não exercem essa função. Outro problema é assumir que, basicamente, o advérbio é modificador de verbo, de adjetivo ou mesmo de advérbio. Isso nem sempre se confirma, ele pode incidir sobre outras categorias, inclusive a própria sentença.

A dificuldade encontrada pelos gramáticos em explicitar precisamente o grupo de palavras sob o rótulo de advérbio deve-se, principalmente, à diversidade de comportamentos sintáticos e semânticos dessa categoria. A propósito disso, Pottier (1962) afirma:

Parece que se incluíram nas gramáticas sob a rubrica “advérbios”, todas as palavras com as quais não se sabia o que fazer. A sua lista não se fecha nunca e não se lhe dá uma definição integrante (POTTIER, 1962, p.53, *apud* VIDAL, 2009, p.21).

A categoria “advérbio” designa um grupo muito distinto de palavras, que apresenta natureza e funções diversas, o que o torna uma categoria bastante heterogênea. E, dentre os advérbios, chamamos a atenção dos modalizadores, descrito pela gramática tradicional, normalmente, como advérbio de modo. Como veremos a seguir, trata-se de uma classe com comportamento sintático e semântico bastante particular.

3. OS ADVÉRBIOS MODALIZADORES

Ao construir um enunciado, normalmente o locutor apresenta uma postura neutra ou compromete-se com o que diz, manifestando sua intenção e sua avaliação frente ao conteúdo da

mensagem. Para isso, pode recorrer a diferentes recursos linguísticos, como, por exemplo, a Modalização.

Para Neves (2006, p. 152), todo ato de enunciar implica modalizar: “se a modalidade é, essencialmente, um conjunto de relações entre o locutor, o enunciado e a realidade objetiva, é cabível propor que não existam enunciados não modalizados”.

A modalização pode ser expressa pela morfologia, sintaxe, ou prosódia, como afirmam Castilho e Castilho (1992, p. 217-8):

A modalização movimenta diferentes recursos linguísticos: 1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em ‘trabalhei muiiito, mas muito MESmo; 2) os modos verbais; 3) os verbos auxiliares como *dever, poder, querer* e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar, crer, acreditar* (Kovacci,1972; Vogt - Figueira, in Vogt, 1989, p. 165 - 210); 4) adjetivos, sós ou em expressões como ‘é possível’, ‘é claro’, ‘é desejável’; 5) advérbios como *possivelmente, exatamente, obviamente* etc.; 6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como ‘na verdade’, ‘em realidade’, ‘por certo’ etc.

Os advérbios modalizadores, uma das estratégias usadas pelo falante para expressar diferentes valores, compõem uma classe bastante heterogênea e comporta diversas subclasses. Sua característica básica, segundo Neves (2000 p. 244), é

expressar alguma intervenção do falante na definição da validade e do valor de seu enunciado: modalizar quanto ao valor de verdade, modalizar quanto ao dever, restringir o domínio, definir a atitude e, até, avaliar a própria formulação linguística.

Castilho; Castilho (1993, p. 222) subdividem os advérbios modalizadores em *epistêmicos, deônticos* e *afetivos*. Os modalizadores *epistêmicos*, que “expressam uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição”, são subdivididos em três tipos: *asseverativo afirmativo*, que não deixa margem para dúvidas, indica que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição e o apresenta como uma afirmação (realmente, com certeza etc); *asseverativo negativo*, em que o falante considera verdadeiro o conteúdo da proposição e o apresenta como uma negação (de jeito nenhum, de forma alguma etc); *quase-asseverativo*, em que o falante considera o conteúdo da proposição como quase certo” (talvez, possivelmente etc); e o *delimitador*, que estabelece os limites dentro dos quais se deve considerar o conteúdo da proposição (geograficamente, biologicamente etc).

Os modalizadores *deônticos* são usados pelo falante para expressar que o conteúdo de P é apresentado como um dever ou obrigação (obrigatoriamente, necessariamente, etc). Já os modalizadores afetivos, conforme Castilho; Castilho (1993, p. 252-3), são subdivididos em *subjetivos*, que “expressam predicação dupla: a do falante em face de P e da própria proposição” (felizmente, curiosamente, etc), e *intersubjetivos*, que “expressam uma predicação simples, assumida pelo falante em face de seu interlocutor, a propósito de P” (honestamente, sinceramente, etc).

Quanto à disposição do Modalizador na estrutura funcional do Sintagma, os autores propõem as seguintes posições: Posição (1), Modalizadores à esquerda de S; Posição (2), Modalizadores à direita de S; Posição (3), Modalizadores antes ou depois do sujeito; e Posição (4), Modalizadores entre o V (ou sua nominalização) e seus argumentos preposicionados ou não.

Para Ilari *et al* (1990), a primeira impressão de quem aborda os advérbios do ponto de vista da posição que ocupam na sentença é de significativa liberdade posicional. Mas, ao analisar os diferentes usos, verifica-se que a escolha de determinada posição não é aleatória; há posições preferenciais para que diferentes classes de advérbios precisem diferentes escopos: constituintes específicos, a sentença e o próprio discurso.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos os modalizadores adverbiais constantes do *corpus* analisado, conforme classificação especificada na Tabela 1:

Tabela 1 Cômputo geral dos modalizadores adverbiais				
Entrevistados	Epistêmicos	Deônticos	Afetivos	Total
Ana Beatriz Barbosa (Não Político)	2,3%	-----	-----	2%
Rozangela Alves (Não Político)	4,5%	-----	-----	3%
Cissa Guimarães (Não Político)	12,5%	-----	-----	11%
Suzana Vieira (Não Político)	-----	-----	18,2%	2%
Marina Silva 1ª entrev. (Político)	3,4%	-----	9,1%	4%
Marina Silva 2ª entrev. (Político)	14,8%	-----	9,1%	14 %
Dilma Rousef (Político)	2,3%	-----	-----	2%
Katia Abreu (Político)	4,5%	-----	-----	4%
Mário Sérgio Duarte (Não Político)	9,1%	-----	18,2%	10%
Namatela Machado (Não Político)	4,5%	-----	18,2%	6%
Galvão Bueno (Não Político)	9,1%	-----	-----	8%
Sérgio Besserman (Não Político)	6,8%	-----	9,1%	7%
José Serra (Político)	8%	-----	9,1%	8%
Aldo Rabelo (Político)	6,8%	-----	9,1%	7%
Miro Teixeira (Político)	5,7%	-----	-----	5%

Sérgio Guerra (Político)	5,7%	-----	-----	5%
--------------------------	------	-------	-------	----

Como observado, o uso dos modalizadores foi mais efetivo na segunda entrevista de Marina Silva (14%), que, na ocasião, era candidata à Presidente da República o que justifica a necessidade de imprimir um efeito de credibilidade e engajamento com as palavras proferidas. A segunda maior ocorrência foi levantada na entrevista da atriz Cissa Guimarães (11%), concedida três meses após a morte de seu filho por atropelamento, seguida por Mário Sergio (10%), comandante da polícia militar do Rio de Janeiro, e, por fim, a menor ocorrência referente a 2%, registrada nas entrevistas de Ana Beatriz, Suzana Vieira e Dilma Rouseff, também candidata à presidência nessa ocasião, porém com a maior intenção de votos, segundo as pesquisas.

Destacamos o emprego dos modalizadores adverbiais pela entrevistada Marina Silva em diferentes momentos. Em sua primeira entrevista, setembro de 2009, ela emprega apenas quatro modalizadores adverbiais, sendo três Epistêmicos e um Afetivo. Em junho de 2010, como candidata à presidência da república, emprega quatorze modalizadores: Um Afetivo e treze Epistêmicos. Considerando a importância dos Modalizadores Epistêmicos como operadores argumentativos, entendemos que a candidata procura conferir um tom de autoridade (atitude de saber) para valorizar o seu posicionamento político.

Procedendo a descrição detalhada dos Modalizadores, observemos a tabela 2:

Tabela 2 Cômputo geral dos Modalizadores Adverbiais						
Epistêmicos			Deônticos	Afetivos		
Asseverativos		Quase-assev.	Delimitadores		Subjetivos	Intersubjetivos
Af.	Neg.					
45/48	03/48	08/88	32/88	-----	09/11	02/11
93,7%	6,3%	9,1%	36,4%		81,8%	18,2%
48/88						
54,5%						
88/99				-----	11/99	
88,9%					11,1%	

Como se pode depreender, 88,9% são de Modalizadores Epistêmicos, dado que pode ser explicado pela natureza do gênero textual “entrevista”, em que o tema é orientado e requer argumentos que assegurem o valor de verdade do que é dito. Ao fazerem uso de modalizadores epistêmicos, os falantes demonstram um maior envolvimento com o que está sendo dito; portanto, asseveram para demonstrar veracidade ao que é falado e conquistar a credibilidade do leitor.

A tabela 2 mostra, ainda, que 54,5% dos Modalizadores Epistêmicos são Asseverativos, e que os Afirmativos correspondem a 93,7% deles. Os Modalizadores Quase-asseverativos, de

possibilidade epistêmica, correspondem a 9,1%; são eles que criam um efeito de atenuação do conteúdo, quando há um baixo grau de adesão do falante em relação à proposição. Os Delimitadores, que estabelecem os limites dentro dos quais se deve encarar o conteúdo da proposição, ocorrem em 36,4% do total dos Epistêmicos.

Não foram encontrados, no *corpus*, exemplos de Deônticos, advérbios que indicam a necessidade ou obrigatoriedade de ocorrência do conteúdo da proposição (*obrigatoriamente, necessariamente*). Esses enunciadores apoiam suas avaliações no saber, por isso, não lhes é conveniente impor a proposição como um dever.

Quanto aos Afetivos, modalizadores que verbalizam as reações afetivas do falante em face do conteúdo proposicional (*felizmente, sinceramente*), seu uso correspondeu apenas a 11,1% dos analisados. O resultado entre os subjetivos e intersubjetivos revela a significativa maioria de ocorrência dos Afetivos Subjetivos (81,8%)

Não há diferença relevante quanto ao emprego geral dos modalizadores por parte de políticos ou não políticos. Constatamos, apenas, que o emprego dos Modalizadores Afetivos é mais frequente nas entrevistas de não políticos (63,6%) e que os Epistêmicos são mais frequentes nas entrevistas dos políticos (51,1%), como se pode ver na tabela abaixo:

Entrevistados	Epistêmicos	Deônticos	Afetivos	Total
Políticos	45/88 51,1%	--	4/11 36,4%	49/99 49,5%
Não políticos	43/88 48,9%	--	7/11 63,6%	50/99 50,5%

P
orém,
56,6%
das

ocorrências dos modalizadores foram empregadas por homens e 43,4% por mulheres, como se pode observar na tabela 4:

Entrevistados	Epistêmicos	Deônticos	Afetivos	Total
Mulheres	39/88 44,3%	--	4/11 36,3%	43/99 43,4%
Homens	49/88 55,7%	--	7/11 63,7%	56/99 56,6%

A ocorrência de modalizadores, tanto dos Epistêmicos quanto dos Afetivos, foi superior nas entrevistas de falantes do sexo masculino. Salientamos que os homens verbalizaram as suas reações afetivas em face do conteúdo proposicional (63,7%) mais que as mulheres (36,3%).

O quadro abaixo mostra os Modalizadores levantados no *corpus*:

Ocorrência dos Modalizadores		
Epistêmicos	Asseverativos Afirmativos	<i>certamente, evidentemente, justamente, obviamente, normalmente, realmente, claro, mesmo, na verdade, sem dúvida, naturalmente, de fato, de qualquer modo, sem dúvida nenhuma e na realidade</i>
	Asseverativos Negativos	<i>de jeito nenhum</i>
	Quase-asseverativos	<i>talvez, normalmente e geralmente</i>
	Delimitadores	<i>fundamentalmente, inteiramente, quase, pessoalmente, completamente, sumariamente, historicamente, individualmente, nesse sentido, nesse ponto, para mim, a meu ver, de forma geral, em geral, de modo geral, mais ou menos, até certo ponto, pelas normas em vigor, em relação aos pais, segundo critérios técnicos, em termos de salário, do ponto de vista das políticas públicas, do ponto de vista financeiro e das perspectivas profissionais</i>
Afetivos	Subjetivos	<i>felizmente e infelizmente</i>
	Intersubjetivos	<i>sinceramente e francamente</i>

A propósito dos “Asseverativos”, segundo Ilari (1990), não quer dizer que eles, por si só, gerem a asseveração. Conforme Castilho; Castilho (1993), a modalização movimenta diferentes recursos linguísticos e já está presente nas sentenças, pois pode ser produzida por outros recursos de modalização, a exemplo da prosódia, dos modos e tempos verbais, verbos auxiliares modais, adjetivos, sós ou acompanhados em expressões como “é possível”, “é claro” etc. A asseveração é reforçada, pois os advérbios tornam as sentenças mais enfáticas, conforme se pode verificar nas ocorrências abaixo:

- (1) Mas, *sem dúvida*, quem conta com um profissional da área de psicologia tem um conforto maior (RA)
- (2) *Claro* que eles perguntaram se eu não estava adiando as coisas. (CG)
- (3) Eu iria, *claro*, contratar o melhor advogado do Brasil (CG).
- (4) Um segundo caminho seria condicionar os repasses do BNDES a um contrato no qual as empresas se comprometeriam a ser sustentáveis, com base num conjunto bem objetivo de parâmetros, *claro* (MS2).
- (5) *Certamente* seriam bem maiores, não fosse o loteamento (SG).

O grupo dos asseverativos afirmativos registra, no *corpus*, sete ocorrências de *sem dúvida e sem dúvida nenhuma*, modalizadores que trazem uma marca negativa de dúvida como reforço de asseveração, como ilustra (1). O adjetivo *claro* aparece gramaticalizado como advérbio asseverativo em oito ocorrências, a exemplo de (2), (3) e (4).

Os asseverativos negativos ocorrem em três momentos e sempre realizados por meio da forma *de jeito nenhum*, como em (6):

- (6) Mas não vou parar *de jeito nenhum* (GB).

Os quase-asseverativos, (7) a (9), denotam um comprometimento menor do falante em relação ao conteúdo proposicional, sendo que o advérbio *talvez* aparece em cinco das oito ocorrências do *corpus*:

- (7) *Talvez* minha pulsão de vida não volte a ser como era antes, porque eu fui amputada (CG).
 (8) *Normalmente*, as pessoas que me procuram para alterar a orientação sexual homossexual são aquelas que estão insatisfeitas (RA).
 (9) Olha, eu quero dizer que *geralmente* as pessoas que vivenciam a homossexualidade gostam muito de mim (RA).

Esclarecemos, ainda, que o advérbio *normalmente* (8) é, aqui, considerado modalizador Quase-asseverativo, assim como o advérbio *geralmente*, em (9). Esses advérbios demonstram nas três ocorrências que o conteúdo da proposição se confirma, pelo menos, na maioria das vezes; eles garantem o compromisso da pessoa entrevistada com a verdade junto ao leitor. No entanto, na busca de confirmar a sua posição diante da homossexualidade, o sentido que emerge do emprego de tais advérbios é o de um certo descomprometimento do falante em relação ao que diz na proposição: é como se, devido ao fato de poder existir, no universo de homossexuais, uma pessoa que não correspondesse ao que é dito nas duas situações, o falante, para não se comprometer, sinalizasse isso via um quase-asseverativo. Tescari Neto (2008) denomina-os atitudinais aspectuais e os insere na categoria dos modalizadores como os outros advérbios que a literatura tem tratado como tal: os epistêmicos de factualidade indeterminada, do tipo de *provavelmente, talvez e possivelmente*; não obstante seu valor aspectual habitual.

Os exemplos acima documentam diferentes graus na quase-asseveração: incerteza menor quando o verbo vem no indicativo, como (8) a (9), incerteza maior quando o verbo vem no subjuntivo, como em (7). Vale ressaltar que a posição pré-verbal de *talvez*, para Castilho e Castilho (1993), desencadeia a ocorrência do subjuntivo.

Os Delimitadores, que especificam a perspectiva ou os limites dentro dos quais o conteúdo proposicional deve ser considerado, foram representados em trinta e três ocorrências, como, por exemplo, nos abaixo:

- (10) *Historicamente*, ele foi a mola propulsora das favelas fluminenses, tendo como seu principal expoente o governador Leonel Brizola, na década de 80, quando se chegou ao auge de proibir a entrada de policiais nas favelas (SB).

- (11) *Do ponto de vista das políticas públicas*, não houve nenhuma novidade relevante nos últimos anos (SB).
- (12) Criou-se uma tal balbúrdia legislativa que hoje é *quase* impossível para um produtor rural cumprir todas as exigências ambientais que lhe são feitas (AR).

Já os Modalizadores Afetivos, fracamente representados no *corpus*, correspondem a uma avaliação fundamentada na percepção que o falante tem da proposição, marca bem característica da função emotiva da linguagem. O falante expressa os sentimentos despertados pelo conteúdo proposicional (Afetivos Subjetivos) ou os sentimentos por ele assumidos diante do seu interlocutor em face do conteúdo proposicional (Afetivos Intersubjetivos). Os modalizadores intersubjetivos foram representados por duas ocorrências (15) e (16) das onze ocorrências dos modalizadores afetivos:

- (13) *Felizmente*, ninguém aceitou (SV).
- (14) *Infelizmente*, aos poucos a sociedade foi deixando de se espantar com essa aberração urbana, a despeito das atrocidades cometidas a toda hora em plena luz do dia por um estado paralelo (SB).
- (15) *Aí, francamente...* Órion é uma palavra de origem grega que chegou ao português pelo latim (AR).
- (16) Eu, *sinceramente*, não fulanizo essas coisas (MS).

Conforme Castilho e Castilho (1993), os advérbios subjetivos modalizam o sujeito da enunciação e o conteúdo proposicional, como se pode comprovar pelas paráfrases:

- (13a) eu fico infeliz porque P
 (13b) é uma infelicidade que P

No exemplo (16), o advérbio expressa um sentimento que ele assume diante do interlocutor.

Veja:

- (16a) sou sincero com você [a propósito de P].
 (16b) * é uma sinceridade que P

Os adjetivos que servem de base para a formação desses advérbios tem classes semânticas distintas. *Infeliz* faz referência ao locutor, ao passo que *sincero* faz menção à relação entre o locutor e o interlocutor, por predicarem os participantes da enunciação. Castilho (2010) os reconhece como modalizadores discursivos.

A análise das posições dos advérbios modalizadores encontrados no *corpus* é orientada pela proposta apresentada em Castilho (2010, p. 550): posição 1, sintagma adverbial antes da sentença;

posição 2, sintagma adverbial depois da sentença; posição 3, sintagma adverbial entre o sujeito e o verbo e a posição 4, sintagma adverbial entre o verbo e o seu argumento interno.

Nas posições 1 e 2, segundo Ilari *et al* (1990, p.129) o advérbio incide sobre toda a sentença e seu escopo é indeterminado; porém, quando é deslocado para o interior do predicado, tende a tomar como escopo o elemento que está a sua direita. Vejamos, então, a distribuição geral dos modalizadores por posição:

Tabela 5 Distribuição dos modalizadores em função das posições					
		Posição 1	Posição 2	Posição 3	Posição 4
Epistêmicos	Assev. Afirm.	19/ 48 39,6%	13/19 68,4%	02/10 20%	11/22 50%
	Assev. Neg.	02/ 48 4,2%	01/19 5,3%	----	----
	Quase - Assev.	08/ 48 16,6%	-----	----	----
	Delimitadores	13/48 27,1%	05/19 26,3%	03/10 30%	11/22 50%
Afetivos	Subjetivos	05/48 10,4%	-----	04/10 40%	-----
	Intersubjetivos	01/48 2,1%	-----	01/10 10%	-----
Total		48/99 48,5%	19/99 19,2%	10/99 10,1%	22/99 22,2%

As posições periféricas, consideradas privilegiadas pelos advérbios modalizadores, confirmando a nossa hipótese inicial, ocuparam juntas 67,7%. A posição predominante para os advérbios modalizadores no *corpus* examinado é a posição 1, início da sentença (48,5%). Também observamos que os Asseverativos Negativos não ocorreram nas posições intrassentenciais (posição 3 e 4) e os Quase-asseverativos ocuparam a posição 1 em todas as ocorrências.

Portanto, quanto aos posicionamentos dos advérbios modalizadores, constatamos um uso variável das quatro posições, apesar da maior incidência da posição inicial.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa não intenta apresentar uma análise mais aprofundada dos efeitos discursivos da modalização, mas a leitura dos dados nos permite afirmar que há uma motivação funcional do candidato entrevistado voltada para a adesão do leitor ao seu ponto de vista, o que se confirma pelos 88,9% de Modalizadores Epistêmicos, sendo que 93,7% correspondem aos Asseverativos

Afirmativos, que marcam o valor positivo de verdade daquilo que é dito. Os entrevistados se valem desse recurso linguístico, necessário para fortalecer as conclusões de um raciocínio, procurando assegurar ao leitor e ao entrevistador que é detentor do conhecimento das questões debatidas na entrevista.

Outra consideração, que merece destaque, deve-se ao emprego dos modalizadores pela entrevistada Marina Silva em diferentes momentos: em sua primeira entrevista, ela emprega apenas quatro modalizadores e, na segunda, como candidata à presidência da república, emprega quatorze modalizadores adverbiais, o que pode ser interpretado como uma estratégia argumentativa, a fim de conferir um tom de autoridade (atitude de saber) para valorizar o seu posicionamento político.

Não foram encontrados, no *corpus*, exemplos de Deônticos, aqueles que imprimem no discurso um caráter mais autoritário. Quanto aos Afetivos, o *corpus* registrou 11,1% de ocorrência.

Pudemos constatar que, embora as posições intrassentenciais sejam bastante empregadas no *corpus* (32,3%), as posições periféricas à sentença predominam em nossa análise (67,7%), o que confirma as nossas expectativas alçadas no início da pesquisa de que, quando o advérbio tem por escopo toda a oração, a ordenação dos advérbios nas posições 1 e 2 são preferenciais.

Face às discussões introdutórias de que, por sua heterogeneidade, a classe adverbial requer estudos mais específicos, acentuamos a necessidade de examinar de forma mais cuidada as funções discursivas dos modalizadores adverbiais, inclusive como tópico de estudo nas aulas de Língua Portuguesa, por entendermos que o falante é movido por intenções comunicativas quando organiza suas expressões linguísticas numa dada situação de interação verbal.

Referências

CASTILHO, A. T. de; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios modalizadores. *In*: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas, São Paulo: Ed. Da UNICAMP, 1992, p. 213-261.

_____. **Nova Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C. F. **Gramática da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. *In*: CASTILHO, A. (Org.). **Gramática do português falado: a ordem**. V. 1. São Paulo: Ed. da UNICAMP/FAPESP, 1990, p.63 -141.

LIMA, R. C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 33. ed. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1996.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

_____. **Texto e Gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

SACCONI, L. A. **Nossa gramática**: teoria e prática. São Paulo: Atual. 1990.

TESCARI NETO, T. A. **AdvPs de aspecto habitual como modalizadores inerentes**: um estudo translinguístico. Campinas, SP: IEL/Unicamp, 2008, 150 p. Dissertação de Mestrado do Instituto de Estudos da Linguagem. Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

VIDAL, R. M. B. **As construções adverbiais em – mente**: análise funcionalista e implicações para o ensino de língua materna. Natal: UFRN, 2009. 187 p. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009.